

DF. E. Lucas Brasília faz campanha, pela 1ª vez na história

27 MAI 1986

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

Depois do plebiscito de 1962, sobre presidencialismo e parlamentarismo, Brasília vai votar pela primeira vez no dia 15 de novembro para escolher seus oito deputados e três senadores. Em 26 anos de existência oficial, o Distrito Federal, composto por um núcleo, o Plano Piloto, várias cidades satélites e a zona rural, sempre foi administrado por prefeitos ou governadores nomeados pelo presidente da República, e administradores regionais, sempre com a intervenção mais simbólica do que efetiva da Comissão do Distrito Federal do Senado.

Agora as coisas mudaram, outdoors, grafitis, panfletagem, reuniões partidárias sem conta e um crescente corpo-a-corpo com o eleitor, sobretudo junto às populações mais pobres, incorporaram-se ao dia-a-dia da Capital. As pesquisas até agora reveladas evidenciam comprometimento com determinados interesses eleitorais, pecando pela falta de credibilidade. Isto torna mais difícil qualquer previsão para esta eleição, que, por ser a primeira, não tem padrões de referência. Uma espécie de guerra no escuro, não só entre os partidos e seus candidatos, mas que tem também seu front interno. É o caso do PMDB, supostamente o partido mais forte, apesar de o governador José Aparecido haver assumido posição de neutralidade entre este partido e o PFL, a exemplo do que o presidente Sarney faz em âmbito nacional, tentando preservar o que resta da Aliança Democrática. No entanto, eclético, o governador soma seus esforços aos do PCB na tentativa de convencer Oscar Niemeyer a aceitar sua candidatura ao Senado.

No último fim de semana, em clima condizente com a pacificação buscada há vários meses para tentar harmonizar suas divergências internas, o partido realizou a convenção, que definiu o diretório regional para os próximos dois anos, onde ficaram acomodadas todas as correntes. Um leque que abriga desde setores conservadores, como o empresário Lindberg Aziz Cury, presidente da Associação Comercial do DF, ao jornalista e militante de esquerda Marco Antônio Campanela. Um universo de opções que passa por populistas demagógicos, como o deputado Múcio Athayde, pelo jornalista e representante da ABI em Brasília,

Pompeu de Souza, e um sem-número de profissionais liberais e representantes de outras categorias com tradição de luta contra a ditadura militar.

O PMDB articula a formação de coligações com o PCB, PC do B e PS, conseguindo cobrir, com esta frente, todo o espectro ideológico do centro para a esquerda, com candidatos para todos os gostos. Nas últimas semanas, o partido recebeu um importante reforço, o radialista Meira Filho, que comanda há duas décadas um dos programas de maior audiência em Brasília e que rompeu com o PDT.

Numa cidade com 26 anos, quase todos os candidatos nasceram em outros Estados. Uma das pouquíssimas exceções é um candidato chamado Zamor Magalhães, que se intitula "o filho do cerrado". Mas nem por isso os forasteiros, aproveitadores ou arrivistas estão tendo vez. Numa cidade em que 72,7% dos eleitores até agora cadastrados são nordestinos, as origens do candidato têm sua importância. Além de seu enorme poderio econômico, o empresário cearense Antônio Venâncio, de passagem do PTB para o PFL, joga com esta circunstância e tem como slogan de campanha "nordestino vota em nordestino."

O PT e o PDT têm investido na área sindical. O partido de Brizola tem como um de seus candidatos ao Senado o advogado Maurício Correia, há 70 anos presidente da OAB do Distrito Federal, e no jornalista Hélio Doyle, que há seis anos é o presidente do sindicato da categoria, um de seus candidatos à Câmara.

Um dos melhores filões eleitorais, no entanto, são as administrações regionais das cidades satélites e isto é verdadeiro também para aqueles que exerceram aquelas funções num passado mais distante. É o caso de Walmor Campelo Bezerra, que, antes do surgimento da Nova República, administrou três cidades satélites: Brazilândia, de pequeno potencial eleitoral, e Taguatinga e Gama, onde acontece justamente o contrário. Seu partido é o PFL. Muito mais do que os partidos, no entanto, contam os nomes, pois o grau de importância atribuído ao fator ideológico é diminuto num contingente eleitoral representado em sua grande maioria por populações carentes e atribuladas com o dia-a-dia pela sobrevivência.